

---

## Desejo e *male gaze* em filmes de super-herói: a objetificação de Viúva Negra em Homem de Ferro 2<sup>1</sup>

Ariane Stefanie da SILVA<sup>2</sup>

Debora Cristina LOPEZ<sup>3</sup>

Carlos JÁUREGUI<sup>4</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### RESUMO

O presente artigo analisa a perspectiva do desejo como motor para objetificação feminina no cinema, sobretudo no gênero super-heróis. Buscamos expor e interpretar as aparições, interações e cenas da personagem Viúva Negra no filme *Homem de Ferro 2*, observando em que medida o desejo — como motor narrativo, numa perspectiva semiótica — se articula com *male gaze* — como teorizado por Mulvey (1975) para o estudo do cinema. Desse modo, constrói-se uma compreensão de como se dá a objetificação da personagem a partir de sua construção em cena.

**PALAVRAS-CHAVE:** cinema; super-heróis; Viúva Negra; *male gaze*; objetificação

### INTRODUÇÃO

A Marvel Studios, estúdio de cinema norte-americano, é destaque quando pensamos em filmes de super-herói. O estúdio, com o Universo Cinematográfico da Marvel (UCM)<sup>5</sup>, foi responsável por algumas das maiores bilheterias dos últimos tempos, com arrecadações em dólar que ultrapassam o bilhão<sup>6</sup>. Os filmes de super-heróis, portanto, apesar de grandes triunfos quando pensamos no cinema hollywoodiano em termos de influência e mercado, são grandes reafirmadores de estereótipos e são constantemente lembrados pela sexualização de personagens durante vários anos no audiovisual.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cinema, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação da UFOP, Bolsa de Desenvolvimento em Ciência, Tecnologia e Inovação (Fapemig). Membro do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor). email: ariane.stefanie@aluno.ufop.edu.br.

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo (UFOP) e Bolsista Produtividade em Pesquisa (CNPq). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef), email: debora.lopez@ufop.edu.br

<sup>4</sup> Doutor em Comunicação Social e mestre em Linguística (UFMG). Professor do Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFOP. email: carlos.jauregui@ufop.edu.br

<sup>5</sup> Produção de filmes de super-heróis baseada nas histórias em quadrinhos da editora Marvel Comics. Os filmes se dividem em fases, e como uma saga, se completam e fazem parte de um mesmo universo.

<sup>6</sup> Com Avatar no topo: Confira as 10 maiores bilheterias da história, via Omelete. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/10-maiores-bilheterias-globais-da-historia>.

---

*Homem de Ferro 2* (2010), o terceiro filme do UCM, que arrecadou cerca de US\$ 600 milhões em bilheteria mundial, é nosso primeiro contato com uma heroína feminina dentro da cinematografia da Marvel. Nele temos a aparição da heroína Viúva Negra, que, apesar de peça importante na narrativa, é, em alguns momentos, fetichizada e retratada como objeto de desejo em cena.

A teórica Laura Mulvey (1975) em *Prazer Visual e Cinema Narrativo*, nos apresenta o conceito de *male gaze*, ou olhar masculino. Essa definição diz respeito à forma como mulheres são representadas na narrativa cinematográfica, sobretudo hollywoodiana, resumidas ao olhar dominante masculino. Assim, a autora afirma que os elementos técnicos de um filme são utilizados como categorias de dominação, fazendo com que personagens sejam construídas a partir do que o inconsciente patriarcal compreende sobre ser mulher. Assim, são resumidas a objetos em cena, fetichizadas e submissas.

Dessa forma, o trabalho buscou analisar, a partir do pensamento feminista, a personagem Viúva Negra em *Homem de Ferro 2*, levando em consideração a perspectiva do desejo e como essa emoção é utilizada na narrativa como motor para a objetificação feminina. Inicialmente, foi feita uma discussão acerca do desejo como motor narrativo e do cinema como extensão do olhar masculino.

## **METODOLOGIA**

De caráter qualitativo descritivo (Nunes; Nascimento; Luz, 2016), a pesquisa buscou investigar, a partir da perspectiva do desejo na narrativa conceituado por Greimas (1983) e Greimas e Fontanille (1993) e do *male gaze* de Mulvey (1975), como Viúva Negra é representada em cena em *Homem de Ferro 2*. Selecionamos e interpretamos momentos que demonstraram essa objetificação feminina a partir de três perspectivas, como proposto por Mulvey (1975): a construção da personagem, como personalidade, figurino e emoções; da câmera, a partir dos enquadramentos, ângulos e posições; e dos personagens em cena, como os comentários feitos sobre ela e suas interações.

Considerando que as emoções em cena não surgem da aleatoriedade, e sim, a partir de dimensões lógicas pré determinadas, foram selecionadas sete cenas para a análise. A seleção seguiu os critérios de protagonismo em cena, momentos onde há diálogos de Viúva Negra com outros personagens e diálogos onde outros personagens

falam sobre ela. Uma etapa exploratória de aproximação com o objeto permitiu selecionar essas cenas, elencando as que utilizam do desejo como recurso narrativo para a objetificação da personagem. Esta metodologia permite uma análise da construção da personagem Viúva Negra em "Homem de Ferro 2", utilizando as categorias de dominação de Mulvey.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Os afetos possuem papel fundamental nas estruturas de nossa sociedade. Todas as relações, para se manifestarem como tal, perpassam o campo dos afetos. Afetar, para o filósofo Spinoza (2007), é a experiência de compreender como percebemos e agimos no mundo, modificando os outros e a nós mesmos. Ainda de acordo com o autor, essas modificações estão intrinsecamente conectadas ao nosso corpo e nossa mente, aos ideais e percepções que temos de nós mesmos e das externalidades que nos cercam.

Spinoza (2007) afirma que tudo é construído a partir de três afetos primitivos: alegria, tristeza e desejo, que, combinados, dão origem a outros tipos de sentimentos, emoções e afecções. Por desejo, Spinoza (2007, p.106) define o afeto primitivo que demonstra “o apetite juntamente com a consciência que dele se tem”, uma espécie de vontade do corpo e da mente. O desejo, sob a ótica spinoziana, assim como os outros afetos primitivos, é a essência do sujeito, o estado inicial e algo presente na essência do ser, natural ao humano. Esse desejo só existe, portanto, a partir da vontade de se realizar através de alguma causa externa a nós.

Levando em consideração essa definição dos afetos, é razoável considerar que a comunicação midiática e as produções culturais, construídas através das relações humanas, também podem ser entendidas por uma lógica dos afetos. Nesse sentido, Algirdas Greimas (1983) e Greimas Fontanille (1993), propõem uma análise narrativa que dialoga em grande medida com a perspectiva spinoziana. Para eles, é o desejo de uma conjunção com um objeto de valor que levam o sujeito da narrativa à ação. Para alguns, esse objeto é a pessoa amada, para outros é a busca por justiça ou vingança. A partir da satisfação ou frustração desse desejo é que as paixões emergem nos relatos.

Em outra chave de análise, Laura Mulvey (1975), teórica feminista, utiliza a psicanálise para estudar a representação da mulher no cinema contemporâneo. A autora demonstra como esse inconsciente da sociedade patriarcal estrutura as formas do fazer

---

cinematográfico, sobretudo em Hollywood, fazendo com que os filmes revelem, reflitam e reproduzam as diferenças estabelecidas socialmente na performatividade de gênero, controlando as imagens e moldando o espetáculo cinematográfico em modos dominantes e sexuais ao olhar para o feminino em cena.

Partindo desse conceito, Mulvey (1975) nos introduz ao *male gaze*, ou olhar masculino no cinema. Os filmes *mainstream* combinam espetáculo e narrativa, e a presença de mulheres na trama é um elemento indispensável para a história, a depender do que se propõe contar. Entretanto, de acordo com a autora, essa representação feminina no cinema tende a ocorrer em fluxo contrário ao desenvolvimento da história, como uma espécie de congelamento do momento para que haja uma contemplação erótica a partir do masculino. O *male gaze*, portanto, é a construção de mulheres na narrativa a partir de um olhar de fetichização e dominação masculina a partir da câmera, da construção das personagens, suas interações em tela e do espectador.

Considerando que a abordagem semiótica permite olhar para a narrativa por diferentes pontos de vista (do herói, do vilão, do coadjuvante...), a noção de *male gaze* poderia ser entendida como um deslocamento desse centro narrativo para a perspectiva de um narrador ou narratário homem (mais do que isso: homem heterossexual cisgênero). Seja por um processo de inserção virtual na história ou pela simples identificação com atores ou valores do enredo, tal instância narrativa marcadamente masculina daria o tom das paixões que ali emergem, de acordo com o seu desejo e as suas crenças. Em um nível enunciado, tais filmes sugeririam de saída um consumo ou recepção a partir desse ponto de vista.

## ANÁLISE E/OU PRINCIPAIS RESULTADOS

*Homem de Ferro 2* é um filme de 2010 produzido pela *Marvel Studios* e distribuído pela *Paramount Pictures*. Dirigido por Jon Favreau, é o terceiro longa-metragem do Universo Cinematográfico da Marvel (UCM)<sup>7</sup>, e nele, acompanhamos o protagonista Tony Stark e os problemas de saúde, questões governamentais e de vingança que o personagem enfrenta após assumir publicamente ser o herói Homem de Ferro.

---

<sup>7</sup> Produção de filmes de super-heróis baseada nas histórias em quadrinhos da editora Marvel Comics. Os filmes se dividem em fases, e como uma saga, se completam e fazem parte de um mesmo universo.

---

No filme temos a primeira aparição de Viúva Negra, codinome de Natasha Romanoff, interpretada pela atriz Scarlett Johansson. A personagem é espiã da S.H.I.E.L.D, agência de inteligência militar e anti-terrorista dos Estados Unidos, que monitora ameaças à segurança a nível global. No filme ela se apresenta na história como Natalie Rushman, a nova secretária e assistente de Tony Stark. Durante a narrativa, descobrimos que Rushman é Natasha Romanoff/ Viúva Negra, que tinha como missão se disfarçar e ganhar a confiança do Homem de Ferro para monitorar o comportamento do herói.

Quanto à análise da construção da personagem, foram observados alguns elementos que contribuem para que ocorra a objetificação de Viúva Negra em cena. Disfarçada de Natalie Rushman, sua personalidade é amigável e passiva, e no papel de assistente, escuta e obedece ordens, apesar de parecer flertar com Tony Stark em alguns momentos. Em grande parte do longa, a personagem utiliza de roupas formais, visto que, na narrativa, aquele seria seu ambiente de trabalho, porém sempre são vestidos ou demais peças que modelam a silhueta de seu corpo. Seu uniforme de heroína é extremamente justo, o que não se mostra muito ergonômico em cenas de luta, porém, cumpre o objetivo de evidenciar o corpo da personagem.

Pela câmera, o plano detalhe é utilizado para enquadrar partes de seu corpo, como seus glúteos em cena que se revela como a espiã ou que está em combate. Há o uso do *plongée* como enquadramento recorrente ao demonstrá-la, visto que a posição da câmera, focalizando de cima para baixo, passa o ar de submissão e fragilidade. Além disso, foram identificados momentos, que apesar de curtos em duração, mostram Viúva Negra de corpo inteiro, sem realizar nenhuma ação importante para a narrativa, como se o ponto de vista da câmera fosse a de algum personagem masculino a observando.

Por fim, quanto às interações em cena, Tony Stark e seu motorista particular Happy Hogan, se mostram vislumbrados pela beleza de Natasha em seu primeiro momento. Foto da personagem em ensaio como modelo de lingerie, momento onde ela troca de roupa no carro e o motorista a observa pelo retrovisor, Stark falando sobre a beleza e charme da personagem e afirmando seu desejo em relação a ela foram identificados durante as interações. Além disso, durante parte significativa do longa, há uma tensão evidente de Pepper Potts, a ex secretária, par amoroso de Tony e a única outra personagem feminina na história, em relação a Natasha. Potts se mostra relutante

---

em aceitá-la como membro do time, por ciúmes da personagem. Além da evidente objetificação da personagem em cena, temos uma rivalidade feminina construída pela concorrência pela atenção do herói masculino.

## CONCLUSÕES

Dessa forma, conclui-se que há uma objetificação de Viúva Negra em *Homem de Ferro 2*, através da disposição patêmica do desejo como força motora para construção narrativa, pela perspectiva masculina. Esse desejo é apresentado através das escolhas de câmera, construção e interação da personagem, como proposto por Mulvey (1975). Viúva Negra, apesar de coadjuvante no longa analisado, é personagem importante no UCM e tem um lugar de destaque e importância nas narrativas. Apesar disso, ocupa o papel de objeto desejado pelo masculino, fazendo com que, de diversas maneiras, seja retratada em alguns momentos de forma fetichizada e objetificada.

Em entrevista ao portal Collider para a divulgação do filme solo de Viúva Negra, onze anos após o lançamento de *Homem de Ferro 2*, Scarlett Johansson, que deu vida a Natasha Romanoff durante todos os anos do MCU, declarou que percebe a hiperssexualização da personagem, onde tudo é construído como na narrativa como se ela fosse um objeto de prazer para os homens em cena e para o público masculino.

O cinema busca contar uma história e através das dinâmicas colocadas em cena, afetar aquele que assiste, no sentido de causar algum tipo de emoção, movimento ou ação no telespectador. Uma dessas afetações é o prazer, oriundo do afeto primitivo desejo, que pode se manifestar de diversas formas e tipos diferentes. Mulvey afirma que um dos possíveis prazeres presentes no cinema é a escopofilia, termo utilizado pela primeira vez pelo psicanalista Sigmund Freud, para denominar o prazer estético em olhar para outra pessoa como um objeto erótico, submetendo a pessoa objetificada a um controle e dominação de seu corpo através desse ato de olhar. Semioticamente, portanto, a mulher no cinema, nesse caso Viúva Negra se torna um ícone, representada e exibida pela ótica do objeto de prazer masculino.

## REFERÊNCIAS

GREIMAS, Algirdas J. Du sens II: essais sémiotiques. Paris: Éditions du seuil, 1983.

---

GREIMAS, Algirdas J.; FONTANILLE, Jacques. *Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme*. Paris: Éditions du seuil, 1991.

HOMEM DE FERRO 2. Diretor: Jon Favreau. Produção: Marvel Studios. Estados Unidos: Paramount Pictures. 2010. 1 DVD.

MULVEY, Laura. "Visual Pleasure and Narrative Cinema." *Screen*, v. 16, n. 3, p. 6-27, Autumn 1975.

NUNES, Ginete; NASCIMENTO, Maria Cristina; ALENCAR, Maria Aparecida. Pesquisa científica: conceitos básicos. **ID Online. Revista de Psicologia**, v. 10, n. 29, p. 144-151, fev. 2016.

SPINOZA, B. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROBINSON, Ashley. Scarlett Johansson on the Sexualization of Natasha Romanoff and Why It Took 10 Years to Make 'Black Widow'. **Collider**. 15 jun. 2021 Disponível em: <https://collider.com/black-widow-movie-scarlett-johansson-interview-sexualization/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

Com Avatar no topo: confira as 10 maiores bilheterias da história. **Omelete**. 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/10-maiores-bilheterias-globais-da-historia#90>. Acesso em: 22 jun. 2024